

Jornal Nova União: Uma Experiência de Comunicação Popular e Comunitária no Jardim União da Vitória, em Londrina-PR¹

Andreza Pandulfo DIAS²

Erick Lopes de ALMEIDA³

Renan Alves COSTA⁴

Danilo do Amaral Santos LAGOEIRO⁵

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

RESUMO

O Jornal Nova União é um jornal laboratório produzido por adolescentes do Jardim União da Vitória, em Londrina-PR, e coordenado por estudantes de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Para a produção do trabalho, foi firmada parceria para utilização da estrutura do Instituto Eurobase, fundação mantida por uma empresa privada, que possui diversos projetos sociais voltados para a comunidade do bairro. A publicação impressa buscou articular os conceitos de comunicação popular e comunitária à experiência comunicativa junto aos jovens, para que assim expressassem seu cotidiano e a realidade do bairro, contrapondo, confirmando ou complementando as informações que circulam nos meios de comunicação de massa. Para embasar o projeto utilizou-se, principalmente, das reflexões teóricas presentes em textos de Cicilia Peruzzo e Carlos Montaña.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; comunicação popular; terceiro setor; questão social; jornal laboratório.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi produzido para a disciplina de Comunicação Comunitária A, ofertada em 2012 para a turma do 3º ano de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A proposta da disciplina solicitava um projeto que envolvesse grupos de alunos em experiências práticas com a comunicação popular e comunitária. Um dos diversos conceitos sobre o assunto situados no texto de Cicilia Peruzzo observa a comunicação popular como aquela

...inserida na conjuntura sócio-econômica, política e cultural, ou seja, aquela comunicação de “resistência” às condições concretas de existência, ligada aos movimentos e organizações populares de setores das classes

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 03 Jornal-laboratório impresso (avulso/conjunto ou série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: andreza.pd@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: ericklopemeida@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: nanjinri@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo, email: danilo_lagoeiro@yahoo.com.br.

subalternas, vinculada a lutas pela melhoria das condições de existência, numa palavra, em defesa da vida. (PERUZZO, 1995, p.30).

Já a comunicação comunitária firma-se como prática comunicativa vinculada a uma comunidade. Segundo Peruzzo (2006), o conceito caracteriza-se por ser público e de propriedade coletiva. De acordo com Rozinaldo Antonio Miani, a comunicação comunitária pode ser considerada:

O processo de produção de experiências comunicativas, portanto uma prática social, desenvolvido no âmbito de uma comunidade com vistas à conquista da cidadania, através de práticas participativas, e possibilitando aos indivíduos interagentes a construção de uma nova sociabilidade. (MIANI, 2011, p.229).

O diálogo dos termos “popular” e “comunitário” difere do caráter popular-massivo, em que veículos comunicacionais de massa propagam sua programação ao “povo”, mas sim se configura como uma comunicação em que o próprio “povo” é transmissor e receptor da mensagem, conforme define Peruzzo:

A comunicação popular e comunitária pode ser entendida de várias maneiras, mas sempre denota uma comunicação que tem o “povo” (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista principal e como destinatário, desde a literatura de cordel até a comunicação comunitária. (PERUZZO, 2006, p.9).

Dessa forma, o primeiro fator considerado para a escolha do tema foi conciliar uma proposta que fosse interessante para alguma comunidade com a disponibilidade de tempo que o grupo executor do trabalho tinha a oferecer, restrita aos finais de semana. Em meio a pesquisas, foi encontrado o Instituto Eurobase, uma organização sem fins lucrativos, vinculada e mantida pela construtora Eurobase, uma grande empresa do ramo de engenharia e construção da cidade. O Instituto é localizado no Jardim União da Vitória IV e, segundo site institucional, tem o objetivo de construir cidadania incentivando mudanças aos moradores do bairro, ajudando-os a construir uma nova vida a partir de trabalhos voltados para as áreas de qualificação profissional, esporte e cultura.

Segundo José Murilo de Carvalho, o conceito de cidadania é complexo. No entanto, tomou-se por hábito na sociedade ocidental classificar a palavra como a garantia dos direitos civis, políticos e sociais. Dessa forma, o cidadão pleno seria aquele que pudesse desfrutar dos três direitos, os que se beneficiam de apenas um seriam considerados cidadãos incompletos e os que não possuíssem nenhum dos direitos acima citados seriam os não-

cidadãos. Porém, apesar dessas definições, Carvalho considera o ideal de cidadão pleno inatingível:

O exercício de certos direitos, como a liberdade de pensamento e o voto, não gera automaticamente o gozo de outros, como a segurança e o emprego. O exercício do voto não garante a existência de governos atentos aos problemas básicos da população. Dito de outra maneira: a liberdade e a participação não levam automaticamente, ou rapidamente, à resolução de problemas sociais. (CARVALHO, 2002, p.8).

Embora alcançar a cidadania plena aparentemente seja uma meta utópica, o interesse dos universitários envolvidos neste trabalho foi colaborar junto a uma comunidade na garantia de ao menos uma das características essenciais dos direitos civis: a oportunidade de organizarem-se e manifestarem seus pensamentos. Sendo assim, a partir de um contato inicial com o Instituto Eurobase, foi proposta a parceria para o desenvolvimento de oficinas de texto e fotografia com o objetivo de propiciar a jovens entre 14 e 17 anos a produção de um jornal popular com notícias e histórias do bairro. A edição única do produto impresso pretendeu inculcar junto aos adolescentes o desejo de continuar com o projeto por meio da criação futura de um blog de mesmo conteúdo a ser mantido e gerenciado pelos próprios participantes das oficinas. Contrariando as críticas de Montañó (2002) às Organizações Não Governamentais (ONGs) de terceiro setor, consideradas substitutas passivas dos movimentos sociais como protagonistas no trato da “questão social”, a iniciativa do trabalho baseou-se no conceito de Peruzzo que pondera que:

Apesar da validade de meios “comunitários” que prezam mais os conteúdos aderentes às localidades do que a participação ativa dos cidadãos em todos os processos do *fazer* comunicativo, há que se reconhecer que os meios de comunicação podem contribuir para a educação não apenas pelos conteúdos que transmitem, mas pelo processo de produção e difusão de mensagens que propiciam. (PERUZZO, 2006, p.11).

O Jardim União da Vitória surgiu em 1985 quando 15 famílias imigradas da zona rural, sem ter condições de permanecer no campo, ocuparam um terreno abandonado de aproximadamente 46 alqueires, adquirido em 1977 pela Companhia de Habitação de Londrina (COHAB) e localizado na zona sul da cidade. Já nos anos 70 a compra do terreno foi bastante questionada, em virtude do solo rochoso e inapropriado para moradia, motivo alegado, inclusive, pela própria COHAB nas diversas tentativas de despejar os ocupantes do local (CAMPONEZ, 2005). Apesar dos esforços do poder público, o bairro foi ocupado por cada vez mais moradores, demonstrando a força dos movimentos sociais:

As experiências de lutas populares em Londrina na década de 80 refletiram um momento em que os movimentos sociais ensejavam mudanças significativas na forma de fazer política, em que os pobres, os carentes, enfim, os desprovidos, se descobriram como atores políticos, portadores de direitos, o que os levou a defender interesses coletivos nos espaços públicos (CAMPONEZ, 2005, p.53).

Em 1988, a ocupação do local foi efetivada e liberada pelo poder executivo. Iniciou-se a construção de ruas e o processo de loteamento, porém, as ocupações não paravam, dando origem a uma divisão que contemplou o União da Vitória I, II, III, IV, V e VI. Apesar do crescimento, os moradores viviam em condições constrangedoras e humilhantes, pois o bairro não possuía energia elétrica, saneamento básico, as ruas não tinham nomes, entre outras situações de descaso. Somente em 1996 iniciou-se o processo de regularização fundiária do bairro, os lotes foram demarcados, a regularização concretizada e a partir daí vieram luz, esgoto, asfalto, escola, postos de saúde, melhorando, ainda que não completamente, a vida dos moradores. Segundo Adriana Andrela Camponez (2005), o censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000, apontou que o bairro contava com uma população de aproximadamente 16.000 habitantes, tornando possível considerar o Jardim União da Vitória o maior bairro da cidade. No entanto, ainda hoje, em 2013, a região é vista por muitos londrinenses como uma favela e existe um forte preconceito, carregado tanto pela sociedade, quanto pela mídia local, que enfatiza as notícias ruins do bairro e minimiza ou ignora as coisas boas realizadas na região.

Desde o início, era sabido que, ao assumir um trabalho com o terceiro setor, havia o risco de cair numa situação de marketing social ou de “parceria” com organizações ou governos, como descreve Montañó:

A ONG, que tem como parceiro o Estado, assume a “representatividade” das organizações sociais, carregando agora as demandas populares, só que não mais numa relação de luta, de reivindicação, mas de “pedido”, de “negociação” entre parceiros, e quase sempre relegando para segundo plano a atividade do movimento social e submetendo-o à nova “lógica da negociação” (MONTAÑO, 2002, p.274).

No entanto, a intenção real desse projeto sempre foi utilizar o espaço cedido pelo Instituto Eurobase para dar voz à população do bairro, num intercâmbio de conhecimentos e experiências que possibilitassem aos estudantes de jornalismo e aos jovens envolvidos um aprendizado novo, com técnicas e experiências que ajudariam ambos os lados a tornarem-se cidadãos mais críticos.

2 OBJETIVO

Produção de um jornal popular e comunitário idealizado e escrito por jovens do Jardim União da Vitória, em Londrina-PR, no qual eles pudessem expressar seus gostos e contar histórias, experiências e notícias do bairro.

3 JUSTIFICATIVA

A idealização do projeto de comunicação popular e comunitária pretendeu trabalhar com adolescentes do Jardim União da Vitória, possibilitando aos mesmos a oportunidade de relatar seu dia-a-dia e se expressar, contrapondo, confirmando ou complementando as informações que circulam diariamente nos meios de comunicação. A intenção do grupo responsável pelo projeto era dar suporte técnico a esses jovens, instruindo-os através de oficinas e coordenando o trabalho do início ao fim, porém, nunca interferindo na produção. A proposta do jornal foi realizar uma produção da comunidade para a comunidade.

Em seu todo, o trabalho apresenta a ação de três sujeitos principais de diferentes frentes: alunos e docente orientador de uma instituição de ensino superior estadual, adolescentes moradores de um bairro da periferia londrinense e uma organização do terceiro setor. Além disso, desenvolve prática e teoricamente conceitos de comunicação popular e comunitária e jornalismo impresso, articulando habilidade técnica e conhecimento teórico, sendo essas atividades monitoradas e discutidas em orientações semanais junto à disciplina acadêmica que originou a idealização do projeto. Todos esses esforços e conhecimentos unem-se na criação de um produto final, palpável e configurado como a primeira experiência, tanto para os oficinandos repórteres, que nunca haviam pensado em ver seus nomes no expediente de um jornal, quanto para os estudantes de Jornalismo, que pela primeira vez se viram na condição de coordenadores de um trabalho comunitário e diante da responsabilidade de repassar os conhecimentos técnicos e acadêmicos aprendidos na universidade. Peruzzo afirma que:

Em alguns casos, a participação popular ampla e democrática chega a ser incrementada não só no espaço da transmissão de mensagens, mas no processo de produção de mensagens e de programas, no planejamento, na tomada de decisões e na gestão da comunicação. (PERUZZO, 1995, p.38).

Esses diversos fatores que integram o processo de comunicação popular e comunitária revelam a importância do Jornal Nova União para além da ideia comum de um

jornal laboratório, já que sua produção e gestão se expressou como uma experiência coletiva, uma partilha de vivências, conhecimentos e culturas, proporcionando uma formação humana e política a todos os envolvidos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A realização desse projeto deu-se por meio da concepção de pesquisa-ação crítica descrita no texto de Maria Amélia Santoro Franco, em que o projeto se organiza não pelas etapas de um método, mas pelas situações relevantes surgidas durante o processo:

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade. (FRANCO, 2005, p.486).

O Jornal Nova União foi elaborado em oito oficinas semanais realizadas no período compreendido entre 06 de outubro e 01 de dezembro de 2012, sempre aos sábados, com duração média de uma hora e meia por encontro. As reportagens foram produzidas por meio de entrevistas com diversas fontes, nas quais foram utilizados gravadores digitais e dispositivos de gravação em celulares. A redação dos textos e pesquisas na internet, necessárias para algumas produções, foram executadas no laboratório de informática localizado no Instituto Eurobase, que, embora precário, cumpria com suas funções básicas através de quatro computadores disponibilizados para o trabalho.

Para as fotografias, foram utilizadas câmeras digitais compactas de propriedade dos próprios participantes. A charge da página dois é de autoria de um oficinando, produzida à lápis, em papel sulfite A4 e foi digitalizada para ter suas linhas melhor demarcadas através do software Adobe Photoshop CS5.

A diagramação do jornal em edição única, de oito páginas, em formato tablóide, foi realizada através do programa Adobe Indesign CS5 e a impressão em preto e branco, foi feita em papel jornal na gráfica da Folha de Londrina, o maior jornal impresso da cidade, com uma tiragem de mil exemplares.

O produto final foi custeado com o patrocínio de comerciantes do próprio Jardim União da Vitória e recursos próprios dos coordenadores do projeto. Ao ser finalizado, aproximadamente metade das cópias foram entregues aos oficinandos e patrocinadores, para distribuição no próprio bairro. Uma parcela significativa do restante

dos exemplares foi deixada na Universidade Estadual de Londrina. Realizou-se também a disponibilização gratuita da publicação em pontos estratégicos da cidade, como bibliotecas, sebos, bancas de revistas e ambientes de convívio dos estudantes de Jornalismo envolvidos no projeto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Ao firmar a parceria com o Instituto Eurobase, todos os objetivos e pensamentos presentes no planejamento inicial do projeto foram expostos e acordados entre a diretoria da organização e os estudantes coordenadores do projeto. De um total de 19 jovens no primeiro encontro, permaneceram até a última etapa cinco. A primeira reunião foi acompanhada pela assistente social do Instituto, a fim de apresentar os jovens aos oficinairos e vice-versa. Já de início, percebeu-se os contrastes entre os planos idealizados pelos estudantes e a postura da representante oficial do Eurobase. As expressões desatentas e até emburradas da maioria dos participantes denunciavam que a presença na reunião havia sido solicitada em forma de convocação e não convite. Além disso, a assistente social apresentava resistência à possibilidade de adolescentes não vinculados ao Instituto participarem das oficinas, impunha que todos os presentes deveriam participar da produção jornal impresso e insistia em pautas como: “a história do Instituto Eurobase” e “a retratação dos problemas do bairro”.

Apesar de não concordar em grande parte com as colocações da representante, os coordenadores acharam por bem não entrar em conflito com as opiniões da mesma. O resultado pôde ser visto no encontro seguinte. Seis jovens compareceram. Uma das educadoras voluntárias do Instituto, responsável pelas oficinas de vôlei e que tinha grande intimidade com os jovens, foi a responsável por abrir e fechar as dependências do local durante a realização das reuniões do jornal e acompanhou todas as oficinas, colaborando em todo o processo de produção e coordenação. Tal educadora informou que a imagem arbitrária passada na primeira reunião não havia agradado aos jovens e que muitos já haviam dito que não iriam participar. Partindo desta primeira impressão negativa, a conquista daqueles jovens tornou-se ainda mais necessária e difícil.

O caminho encontrado para mudar essa realidade inicial foi o da conversa. Os exercícios, teorias e dinâmicas pensados para as oficinas foram substituídos pela conversa franca e direta, discutindo assuntos do interesse de cada um e pontos que podiam ser trabalhados. Descobriu-se que a vontade daqueles jovens era falar de coisas boas, mostrar a

história de lutas do bairro, conversar com seus pioneiros, falar dos projetos sociais, das lendas, mostrar os estilos, elaborar páginas de jogos, cobrar das autoridades uma posição a respeito de obras paradas, entre outras ideias. As conversas também proporcionaram que se conhecesse os talentos ali presentes. Logo se revelou que uma menina escrevia poesias, outra contos, um menino gostava de desenhar. Dessa forma, foi incentivada a publicação dessas produções no jornal e, após uma primeira resposta tímida, no final, todos concordaram em publicar suas criações e até em produzir exclusivamente para o jornal.

Inúmeras pautas foram idealizadas, porém, devido às limitações de espaço gráfico e tempo de execução do projeto, foi impossível publicar todas. O blog pensado inicialmente também teve que ser cancelado, em virtude dos prazos curtos. Sendo assim, procurou-se um equilíbrio entre as produções de cada um. Dentro dos assuntos tratados estiveram: a história do União da Vitória a partir de depoimentos de alguns de seus pioneiros; a rádio comunitária do bairro e a situação das obras da quadra de vôlei a ser construída pelo Instituto Eurobase e de um viaduto que ligaria o União da Vitória a um bairro vizinho, ambas paradas. Além disso, entraram no jornal os Poemas da Laryssa, os Contos da Dandara e a Charge do Jonatas. Foi inevitável a publicação da história do Instituto Eurobase, devido ao compromisso assumido no início e às cobranças constantes da assistente social da fundação. No entanto, devido ao fato de todos os participantes estarem envolvidos em suas pautas e ao prazo para a conclusão das atividades, a reportagem referente ao Instituto foi a única produzida em parceria entre uma oficinista e a educadora que acompanhou todo o processo, sem a participação direta de nenhum dos jovens.

O processo de produção foi difícil, pois nem todos os participantes cumpriam as tarefas da semana, alguns não conseguiam contato ou o entrevistado não demonstrava muita atenção. Por terem mais experiência, em alguns casos, os coordenadores tiveram que acompanhá-los em entrevistas, porém, sempre respeitando a condução que o oficinista dava à conversa. Ao final do projeto, todos cumpriram com os combinados, inclusive aqueles que, aparentemente, não conseguiriam. Os textos foram escritos por eles, sob supervisão dos coordenadores. Procurou-se respeitar ao máximo o estilo de cada um, reservando as correções somente para os diversos erros ortográficos ou construções que comprometiam o entendimento das frases. Mesmo assim, todas as correções foram feitas juntamente com os participantes, procurando fazê-los entender o porquê de cada erro.

Houve dificuldades também no processo de impressão do jornal. Os comerciantes fortes da região, primeiras opções de apoiadores, demoraram para dar retorno

negativo à proposta. A construtora Eurobase, segunda opção, demonstrou um interesse inicial, mas também desistiu do projeto. O terceiro plano e mais acertado plano, foi andar pelo bairro e buscar patrocínio entre os pequenos comerciantes. Três anunciantes contribuíram com o valor de cinquenta reais e o restante da despesa foi custeada pelos coordenadores do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES

O Jornal Nova União é motivo de orgulho para todos que participaram do seu processo de produção, mas principalmente para nós, coordenadores desse projeto, que por diversas vezes nos questionamos se conseguiríamos concluí-lo. Poder entregar o produto final aos participantes e observar o brilho no olhar daqueles cinco jovens e o sorriso de satisfação dos pequenos anunciantes ao verem suas marcas estampadas em uma publicação, foi extremamente gratificante. Ver os mesmos jovens entediados, que desistiram precipitadamente do projeto, lançarem olhares curiosos sobre o nosso jornal e declararem interesse em participar das atividades no próximo ano, foi uma vitória inesperada e bem-vinda.

Contudo, o maior resultado para nós não foi o material final e sim a experiência vivenciada naquelas oito oficinas. Foi a percepção, semana a semana, da aproximação de cada um daqueles adolescentes, a grata surpresa em receber suas produções e ver os potenciais ali presentes, o clima de clara descontração que existia nas últimas oficinas e a sensação de saudade deixada no último encontro.

Nos comprometemos em retornar no próximo ano, para retomar as atividades a partir da criação do prometido blog e acompanhá-los até conseguirem continuar sozinhos. Acreditamos que, apesar de não termos trabalhado diretamente com referenciais teóricos e do curto período em que estivemos juntos, aqueles jovens puderam vivenciar, na prática, uma experiência de comunicação popular e comunitária e perceber que podem ser agentes ativos e determinantes na transformação da realidade da qual fazem parte. Quanto a nós, além de convivermos com uma realidade de certa forma distante da nossa, com situações constrangedoras as quais não costumamos presenciar, pudemos verdadeiramente experimentar uma criação livre e coletiva, que dificilmente poderemos viver da mesma maneira em nosso futuro profissional.

Dizer que o Instituto Eurobase não é uma importante organização de responsabilidade social, que em muito beneficia e ajuda os moradores do Jardim União da

Vitória seria uma afirmação errônea e injusta. As capacitações profissionais, os projetos sociais, esportivos e culturais oferecidos pelo Instituto são extremamente úteis e proveitosos para a comunidade. No entanto, a necessidade em sempre buscar a autopromoção e visibilidade até mesmo na produção de um jornal comunitário, demonstrou um claro deslumbramento com o marketing social alcançado. Segundo Montañó (2002), a diferenciação básica entre ONGs e movimentos sociais no trato da questão social é que as primeiras não se organizam em lutas para transformação da realidade, mas sim em negociação com o Estado, numa relação clientelista, que permite o auxílio às camadas populares, sem, no entanto, modificar efetivamente o meio social. A experiência com o Jornal Nova União e parceria com o Instituto Eurobase, nos fez entender e confirmar essa situação por meio da prática vivenciada durante a execução do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPONEZ, A. A. **A politização do urbano: a experiência dos moradores do Jardim União da Vitória na conquista dos direitos de cidadania e da cidade.** 2005. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da pesquisa-ação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez 2005.

MIANI, R. A. **Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático.** Intexto, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 221-233, dez 2011.

MONTAÑO, C. **Terceiro setor e a questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social.** São Paulo: Cortez, 2002.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação popular em seus aspectos teóricos.** In: PERUZZO, C. M. K. (org). Comunicação e culturas populares. Coleção GT'S -INTERCOM, n. 5, São Paulo: INTERCOM/CNPQ/FINEP, 1995.

_____. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, n. 29, Brasília: INTERCOM/UnB, 2006.

SITE CONSULTADO:

<<http://www.eurobase.com.br/responsabilidade.html>>. Acesso em 14 abril 2013, 21h30.